



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Qual o lugar da sexualidade em tempos de contemporaneidades?

Discursos, alteridades e representações na sala de aula.

Elisângela Silva Lopes

E-mail: lopes_75@hotmail.com

Universidade do Estado da Bahia – Programa de Pós-graduação de Educação e Contemporaneidade (PPGEduC)

RESUMO

O artigo articula-se como um recorte de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no Mestrado em Educação e Contemporaneidade/PPGEduC-UNEB, o qual tem como objetivo socializar resultados de um trabalho de pesquisa com suas implicações no campo da sexualidade, realizada com os alunos adolescentes do 1º ano do Curso de Técnico em Gestão Logística, com faixa etária entre 13 a 16 anos pertencentes a uma Escola Estadual situada num bairro periférico de Salvador. A problemática proposta no desdobramento deste texto é fruto dos resultados de atividades providas pela técnica do grupo focal GATTI (2005) com o aparato metodológico sustentado na pesquisa participante Brandão (2001) proporcionando um contato direto do pesquisador com a situação pesquisada. O texto apresenta algumas questões vividas por esses alunos sujeitos e participantes da pesquisa que retratam suas concepções e representações acerca da sexualidade, fruto das relações constituídas, principalmente nos ambientes familiar e religioso, tendo a Escola como um possível “lugar” de encontro para a “*prova dos nove*” entre teoria e prática, anseios, dúvidas e certezas, mitos e verdades. Nesta perspectiva, dialogo com LOURO (1997); FOUCAULT (1984), para compreensão de sexualidade. Busco suporte teórico nas contribuições de FIALHO (2009); BONZON a respeito da concepção de família e sua importância no balizamento acerca destas questões. Busco em MOSCOVICI (1978); ORNELLAS (2005) o campo das representações sociais, percebendo como a sexualidade está diluída em conceitos e explicações em forma de crenças e que, de certa forma, estão contidas em toda plataforma social e são constantemente alimentadas pelos grupos sociais que processam suas informações no trato cotidiano. Desse modo, finalizo com algumas produções dos adolescentes e suas posições a respeito da sexualidade marcadas por mudanças de experimentações que incidem na movimentação de comportamentos.

Palavras-chaves: Sexualidade; Contemporaneidade; Educação.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



INTRODUÇÃO

É inconcebível a ideia de não discutir as questões referentes à sexualidade dentro de uma conjuntura sociocultural à qual estão fortemente ligados os paradigmas contemporâneos, uma vez que estes paradigmas constituem sinais que constantemente remetem os indivíduos ao centro das discussões acerca da sexualidade. Compreendida pelos novos arranjos sociais, novas comunidades e identidades em constantes metamorfoses que dela brotam, a contemporaneidade¹ traz a existência de um pensamento que inaugura novos cenários, pontuando a existência de uma extensa diversidade que, como poderia deixar de sê-lo se reflete na sexualidade.

Estas formas diversas de ser e de estar no mundo, trazem novos desafios para as novas instituições que emergem e as velhas instituições ainda presas ao lastro do projeto da modernidade. Neste caso a educação e a escola tanto pública como privada, tornou-se herdeira do patrimônio da modernidade que se estabeleceu entre a resistência de um novo mundo e a persistência civilizatória caracterizada pela ideia de escolarização, voltada para o mundo do trabalho. Negligenciando as idiossincrasias dos sujeitos, suas singularidades e a sua formação para a cidadania,

Segundo, Hall (1992) a pós-modernidade vem marcada por novas identidades que surgem, inaugurando seus posicionamentos através de várias tensões que cercam seus discursos. Estas novas identidades, portanto, querem afirmar seu lugar, avançando numa perspectiva de romper com as velhas normas que não correspondem com as necessidades vigentes.

Neste campo teórico fincado em Hall pousamos nossas reflexões na escola, onde várias identidades circulam, se formam e reverberam, postulando lugares, móveis e descentralizados. No entanto, estas novas identidades que buscam o direito de poder existir e de pertencer ao

¹ FIALHO (2007) e LUZ (1999) Abordam que o termo Contemporaneidade sugerem várias elaborações, ou melhor, sua noção é recheada por diversas problematizações, e que uma única interpretação sobre o termo não possibilita dar conta de suas amplas complexidades. A contemporaneidade está envolvida por diversos questionamentos possibilitando uma teia constituída por diversificados segmentos e portadora de vários sentidos, convergindo para uma ótica que pode ser diferente para diversos contextos e povos.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



mundo, vão trazendo diversas formas de anunciá-lo, rompendo com as amarras que outras epistemologias tentaram sufocar.

Pautamos as nossas discussões para o campo da sexualidade e seu trânsito na contemporaneidade, imbricada pelos discursos que inauguram seus vários sentidos, entendimentos e tratamentos. A sexualidade olhada pelo prisma contemporâneo reúne uma série de estranhamentos e percepções estereotipadas e mal digeridas nos conteúdos escolares, nas reuniões de planejamentos e também nas práticas pedagógicas em sala de aula, por grande parte dos educadores. Desse modo, a escola coíbe a abordagem da sexualidade como conteúdo pedagógico em sala de aula, deixando o assunto por conta da família. Estas posições acerca da invisibilidade e silenciamento da sexualidade no ambiente escolar estão imbricada a diversos processos intra e extraescolares.

Aliados ao material didático-pedagógico ausente de uma revisão curricular e atualizada para questões voltadas ao campo da sexualidade e suas especificidades, há, também neste bojo de indiferenças o desconhecimento da escola, em relação às crescentes mobilizações de diversos setores sociais que lutam em favor do reconhecimento da legitimidade das diferenças. Essas lutas surgem numa percepção de igualdade e integração dos seus indivíduos, configura-se desse modo, um enorme vazio, articulado a uma lacuna que dificulta uma visão positiva da sexualidade. Uma vez que a mesma é parte integrante da identidade de todos os seres humanos.

As questões relacionadas a gênero, orientação sexual, sexo e sexualidade estão mergulhadas a toda sorte de preconceitos e discriminações e também a violência simbólica e física em diversos espaços sociais. A existência de políticas educacionais em uma perspectiva inclusiva pautada pela (Secad/MEC)² que correlacionam gênero, orientação sexual e sexualidade, articulados a escola, ONGs, Igrejas, comunidades Quilombolas, Terreiros e Movimentos Sociais torna possível perceber que estas discussões não devem se restringir à dimensão de um único seguimento social ou institucional. É preciso ir além e, ao mesmo tempo, partir de outros pressupostos; pois a sexualidade é um dos direitos à saúde sexual e reprodutiva.

² Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação. Através da Secad/MEC foram criados os cadernos Secad com conteúdos formativos e informativos para gestores, professores e profissionais da educação com a abordagem de temas relacionados questões da diversidade – étnico-raciais, de gênero e diversidade sexual, geracionais, regionais e culturais, bem como os direitos Humanos e a educação ambiental.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Dessa forma, falar em diversidade sexual é situar antes de tudo questões relativas a gênero, orientação sexual e sexualidade no terreno da ética e dos direitos humanos, vistos a partir de uma perspectiva emancipadora. Essa postura evita discursos que, simplesmente, relacionam tais questões a doenças ou a ameaças, a uma suposta normalidade. Ao mesmo tempo, afasta tanto posturas naturalizantes, quanto atitudes em que o cultural passa a ser acolhido ou recusado de forma simplista e acrítica.

São estas questões cadentes no cotidiano da vida escolar que não podem ser negligenciadas, ou melhor, passada por “cima dos olhos”. A escola é e tem que ser entendida da mesma maneira como espaço de construção de conhecimento e de desenvolvimento do espírito crítico, onde se formam sujeitos, corpos e identidades. Neste sentido a abordagem da sexualidade no campo escolar deveria antes de tudo situar as questões relativas a gênero, orientação sexual, sexo, aliadas como princípios da saúde e bem estar dos indivíduos no terreno da ética e dos direitos humanos e não apenas vinculadas nos discursos de doenças ou conceitos ligados a biologia.

Pois como define Louro (2004) quando aborda que a sexualidade comporta as diversas esferas e campos da atuação humana.

[...] sem a sexualidade não haveria curiosidade e sem curiosidade o ser humano não seria capaz de aprender. Tudo isso pode levar a apostar que teorias e políticas voltadas, inicialmente, para a multiplicidade da sexualidade, dos gêneros e dos corpos possam contribuir para transformar a educação num processo mais prazeroso, mais efetivo e mais intenso. (p.28 b, p.72c).

Assim as discussões a respeito da sexualidade são vetadas em diversas instituições, pois, como um produto de múltiplos discursos que interagem entre si, abarcam questões sobre sexo, práticas sexuais, condutas, regras, relações de gênero, e, como resultado dessas interações, “fabricam” os sujeitos através dos discursos normalizando os saberes, representações e “verdades”. Deste modo não é possível entendê-la apenas como um componente natural, onde a biologia e/ou a química dariam conta em compreendê-la como algo que não merece destaque nas conversas, diálogos e entendimentos nas instituições familiares, religiosas e principalmente na escola convergido para atribuições das formas mais desconhecidas, proporcionando elucubrações que se instalam no campo do imaginário.

Desse modo, entendemos que o distanciamento destas discussões que envolvem a sexualidade no campo das práticas escolares e pedagógicas suprime o olhar da escola e de seus



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



sujeitos para uma realidade contemporânea aliada a esta necessidade. Mas também atentamos que a educação brasileira e seus produtos foram concebidos historicamente segundo os padrões da heteronormatividade.³

Essa constituição de um modelo educacional alicerçado nestes moldes corroborou para a reprodução de contradições historicamente construídas de um amaranhado de dramas, opressões e falsas evidências de uma sexualidade amarrada ao sabor das concepções ideológicas de diferentes épocas fincadas a um único padrão.

Pois, mediante às políticas educacionais sobre sexualidade é possível perceber a restrição de suas dimensões vinculadas aos direitos humanos, saúde sexual e reprodutiva e da própria diversidade sexual. Como também a ausência de um programa de formação teórica e continuada para professores de educação básica voltada para esta realidade, assim como a necessidade de uma política de reformulação dos currículos que distanciam a sexualidade dos seus conteúdos.

As manifestações da sexualidade afloram principalmente na adolescência e é comum que a sociedade, a família e a escola fechem os olhos para isso, a família, que é responsável por uma boa parcela da educação sexual das crianças e jovens, traz proibições e valores associados à sexualidade que perpassam seus discursos, gestos e expressões, que são apreendidas pelas crianças e jovens.

Compreendemos que apesar dos diferentes enfoques dados a sexualidade o seu conceito que mais aproxima as nossas compressões é a sua constituição que comporta um conjunto das interações sociais reunindo múltiplos aspectos como a reprodução biológica e social, encontros sexuais, sociabilidades e um conjunto de crenças e rituais que durante todo o percurso de vida dos indivíduos modelam suas personalidades e comportamentos.

Segundo Foucault (1984), a sexualidade deve ser compreendida como “Uma invenção social” um construto histórico que abrange toda uma transformação na sociedade sendo também um dado histórico/local e não uma condição natural do indivíduo como foi amplamente divulgado pelas ciências de tendência positivista.

³ Segundo (ROSEMBERG, 1985 e VIDAL, 2003). As preocupações em torno da construção de sujeitos e de relações entre sujeitos dotados de corpos, gêneros e sexos sempre estiveram presentes no sistema escolar e nas políticas públicas de educação brasileira. Ainda que de maneiras diferentes e frequentemente enviesadas, tais preocupações, tradicionalmente, convergiam (e ainda convergem) no propósito de fazer da escola um espaço de normalização, disciplinamento e ajustamento heteronormativo de corpos, mentes, identidades e sexualidades.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



A sexualidade tratava-se de ver de que maneira, nas sociedades ocidentais modernas, constitui-se uma “experiência” tal que os indivíduos são levados a reconhecer-se como sujeitos de uma sexualidade que abre para campos de conhecimentos bastante diversos, e que se articula num sistema de regras e coerções. “O projeto era, portanto, de uma história da sexualidade enquanto experiência – se entendemos por experiência, a correlação, numa cultura, entre campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade.” (p. 9, 10).

Se a sexualidade obedece a uma dinâmica constituída das interações humanas e suas relações de poder imbricam na materialidade de outros arranjos sociais, presume-se que ela não pode está na lógica de uma onipotência homogênea ancorada em uma ordem eurocêntrico-evolucionista. Este caráter de homogeneização encontra-se marcadamente pelo olhar universal sobre o outro e que procura aniquilar o direito a sua alteridade, em especial na adolescência que é considerada como um momento de mudanças de experimentações que imbricam na movimentação de comportamentos.

Esse período se constitui numa fase em que aparecem os primeiros enlaces amorosos e processos de interações para encontrar sua própria identidade através do fortalecimento de suas autonomias, encontros com realidades diferentes das suas; um período promovido de um desligamento das figuras parentais como modelo e conduta, mas que não significa o rompimento dos valores e concepções provenientes da família.

Nesta perspectiva refletimos em Louro (1997) pontuando que as concepções sobre sexualidade devem ser abordadas de forma articulada refletindo sobre os outros componentes inter-relacionados às identidades sexuais e de gênero, considerando sua construção histórica, social e cultural, pois, elas apresentam uma estreita relação com a formação da identidade dos indivíduos pelo processo civilizatório de cada sociedade.

“O que importa aqui considerar é que – tanto na dinâmica do gênero como na dinâmica da sexualidade - as identidades são sempre construídas, elas não são dadas ou acabadas num determinado momento – seja esse nascimento, a adolescência, ou a maturidade – que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja “assentada” ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação.” (p. 27).

Assim a sexualidade emerge como uma construção muito mais sociocultural do que biológica estando relacionada ao modo como as pessoas vivem e sentem seus desejos, trocam carinhos, afetos, prazeres, interligados com a identidade de cada indivíduo que se intercambia, se tocam e se chocam. Mas que esta dinâmica está para além da genitalidade e se faz presente na vida do ser humano desde a primeira infância até a velhice.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



2.0 De Onde Nasce a “Ousadia” Desta Discussão: metodologia, campo empírico e seus sujeitos.

A nossa discussão como abordamos inicialmente articula-se no modo como a existência de um aparato instrumental e institucional no caso o colégio Centro Estadual de Educação Profissional Luiz Pinto de Carvalho onde se tem a proposta de formação técnica para os alunos e onde leciono disciplinas como Gestão Logística I e II e Marketing na Logística (disciplinas técnicas) e ainda assim se constituíram como espaços férteis para estabelecer diálogos com a turma a respeito da vivência de suas sexualidades.

A escolha da abordagem metodológica alicerçada na pesquisa participante segundo as contribuições de Brandão (2001) permitiu que os adolescentes do 1º ano do Curso de Técnico em Logística deste Centro localizado no bairro de São Caetano, periferia de Salvador discutissem diversas questões relacionadas a sexualidade e suas sexualidades. Mas a concretização deste momento foi dada pela condição de envolvimento e penetração na vida do grupo unificada como uma aliança de confiança entre eles.

Neste sentido com base nas orientações de Brandão (2001) no que tange a pesquisa participante é necessário, primeiro, conhecer o campo em que irá colher as informações necessárias para o corpo da pesquisa. Como também se familiarizar com as situações cotidianas deste campo. Vejamos:

A inserção é o processo pelo qual o pesquisador procura atenuar a distância que o separa do grupo social com quem pretende trabalhar. Esta aproximação, sempre exige paciência e honestidade, é a condição inicial necessária para que o percurso de pesquisa possa, de fato, ser realizado de dentro do grupo, com a participação de seus membros enquanto protagonistas e não simples objetos (p. 27).

Desse modo os primeiros contatos sejam eles pautados na convivência em sala de aula ou no processo das aprendizagens se tornaram de importante relevância para a imersão e desdobramento das questões aventadas a sexualidade. A experiência profissional articulada à inserção e compromisso como educadora no grupo dos alunos favoreceu para a articulação das questões mencionadas às atividades. Provocando o envolvimento direto com o grupo, mas com cuidados para que esta aproximação não atrapalhasse a dinâmica do grupo em outras disciplinas.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Nesta perspectiva é importante também perceber se o que está procurando em nível de profundidade de pesquisa pode despertar o interesse da comunidade e se os resultados possibilitarão elementos favoráveis à comunidade, uma vez que a pesquisa tem que estar voltada ao serviço da superação das estruturas que propiciam ou reforçam as desigualdades, favorecendo no grupo à aquisição de conhecimentos para sua autonomia.

Inicialmente, tomei como questão a definir que tipo de instrumento poderiam fornecer melhores obtenções de coletas de dados para as posteriores análises. Além do mais obedecendo às questões norteadoras da pesquisa participante, como também os objetivos propostos. Dessa forma o instrumento escolhido para a coleta de dados consistiu no grupo focal mediante as aproximações de Gatti (2005). Que no campo da atuação da pesquisa em educação esta escolha foi de grande relevância, pois [...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes. [...] (p.11).

Constituindo-se em uma técnica de pesquisa onde o grupo é formado por sujeitos participantes e coordenados pelo pesquisador o trabalho realizado com o Grupo focal favoreceu que os 16 adolescentes participantes da pesquisa discutem fatores ligados a sexualidade a partir das questões orientadoras da investigação. Desse modo buscou ligar as suas vivências cotidianas ou mesmo suas deficiências, angústias, representações, linguagens, preconceitos, hábitos e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão sempre com traços em comum entre os participantes. Assim, a técnica de grupo focal definiu-se como recurso de captar, compreender, os processos de construção das atitudes, pensamentos e as representações do grupo.

3.0 Falando de Sexualidade ou de Ousadia: *as posições, as dúvidas e as inverdades.* ***O que dizem nossos sujeitos.***

As atividades desenvolvidas tendo como suporte a técnica do grupo focal deram início mediante a articulação com as disciplinas Logística I, Logística II e Marketing na Logística. Foi solicitado que os alunos se dividissem em dois grupos com oito componentes em cada grupo, composto por seis adolescentes do sexo masculino e oito adolescentes do sexo feminino, montassem um trabalho sobre a camisinha, mais precisamente, a respeito da sua



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



cadeia produtiva. No primeiro momento foi solicitada informações a respeito da história da camisinha, surgimento e em que condições eram utilizadas e finalidade e de quais materiais ela era produzida e como se dava sua armazenagem e distribuição.

A preocupação com os aspectos éticos ligados a preservação da identidade dos alunos envolvidos no grupo focal foi de extrema relevância. Para tanto mantemos o anonimato de seus nomes no transcorrer de todas as atividades. Esta prática garantiu a privacidade e o caráter sigiloso das informações coletadas através dos cartões distribuídos no grupo. Desse modo classificamos os grupos com as respectivas denominações A e B, com esta proposta de identificação foi possível dar continuidade aos trabalhos.

Os resultados desta primeira etapa das atividades trouxeram algumas produções recheadas de imagens, questões e depoimentos de pessoas entrevistadas por eles (principalmente pessoas da mesma faixa etária), mas que traziam muitas dúvidas ao mesmo tempo em que demonstrava a aquisição de uma nova possibilidade de trabalhar as questões aliadas à sexualidade de maneira propositiva.

Das informações técnicas da camisinha partimos para tirar algumas dúvidas dos alunos (as) sobre exames, distribuição de preservativo, doenças sexualmente transmissíveis e coisas afins. Destacamos que algumas informações contidas nos trabalhos apresentados pelo grupo consistiram no ponto de partida para elaborar outras questões provocativas, levando a questionamentos e inquietação entre as quais destacamos algumas questões que prescindiram no aprofundamento da segunda etapa das atividades.

Grandes equívocos a respeito das doenças sexualmente transmissíveis

Desconhecimento da necessidade de ir frequentemente ao ginecologista.

Ideias sobre as práticas sexuais ligadas a conceitos religiosos.

Atitudes discriminatórias a respeito da homossexualidade masculina e feminina.

Desconhecimento sobre o ato da masturbação como uma prática natural ligada ao descobrimento do corpo.

Com a conclusão desta primeira atividade e diante destes questionamentos e dúvidas abordadas nos trabalhos trazidos pelos dois grupos, foi realizada uma rodada de perguntas. Com estratégia de manter o sigilo dos nomes dos participantes para esta segunda fase, reelaboramos as identificações dos colaboradores. Neste caso solicitamos que as perguntas fossem feitas num papel sem identificação, devidamente lacrados e depositados em uma caixa



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



fechada. De posse das questões feitas pelos alunos, agrupamos todas em respectivos cartões de categorias coadjuvantes as perguntas levantadas estabelecendo com isso uma melhor condução das discussões. A seguir trago como as categorias foram criadas:

- (A) Contraceptivos, parto, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.
- (B) Masturbações masculinas e femininas vivenciam/práticas sobre relação sexual.
- (C) Orientação sexual, idade e mídia.

Desse modo iniciamos a coleta das questões em que todos os participantes colocaram na caixa as questões que eles elaboraram sem divulgar seus nomes. Ao recolher as questões dos alunos percebemos o grau de dúvidas aliadas às formas estereotipadas com modos e visões que refletem o quanto é urgente o desenvolvimento de espaços de discussões da sexualidade na escola.

Constatamos que a atividade foi também reveladora de como estes alunos são violentados enquanto a ausência de uma liberdade para ouvir e falar de fenômenos que estão presentes em sua tenra idade. Passo a descrever algumas perguntas levantadas pelos alunos:

Se eu transo e ainda não engravidei é porque não posso ter filho?

Masturbação traz algum problema?

O que é gonorreia?

O que é sífilis?

Qual o papel do ginecologista?

Homem tem médico pra cuidar dessas coisas?

Fazer tabela é seguro?

Como é a pílula do dia seguinte? Posso usar várias vezes? Quantas?

Pra que serve o preventivo? Dói fazer preventivo?

Por que a camisinha feminina é boa e ninguém vende?

Quem anda com camisinha é prostituta?

Sexo anal dói? Sexo anal é coisa de gente sem vergonha? Se fizer sexo anal com o namorado ele só vai te querer pra isso?

Mulher também se masturba?

Por que não podemos gostar de pessoas do mesmo sexo?



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Com estes dados percebemos um imenso oceano de desconhecimentos aliados a alguns mitos que povoam o imaginário dos adolescentes quanto à sexualidade. Neste tocante à discussão do tema, ou sua ausência, no ambiente escolar, vem como proposta de solução para a questão. Sua abordagem de forma exaustiva no cotidiano dos adolescentes, o que reduziria os índices de gravidez e a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis entre os mesmos. Indica ainda que a “orientação” sobre sexualidade seja feita aos jovens de maneira diferenciada em substituição à forma imposta com a qual é apresentada, e que se priorize a participação dos pais, (ao mesmo como conhecimento da importância da temática) em uma abordagem que não apenas trate das questões da gravidez, mas também que se destaquem as questões de saúde.

O encontro com os relatos dos adolescentes desenha um estado de fragmentação da escola e do seu corpo de profissionais assim possivelmente como na família. Lamentamos que as experiências ricas relatadas pelos alunos não foram suficientemente discutidas e articuladas com profundidade por outros profissionais e suas contribuições em nível de conhecimentos pautados em suas disciplinas. Assim também a participação e apoio da gestão escolar para o desenvolvimento dos caminhos deste estudo. Pois a escola e os seus agentes que a fazem existir, continuam presos as amarras de um projeto de sociedade cuja educação é produzida para a disciplinarização de corpos e mentes. Uma vez que estes mesmos agentes foram desta forma educados e como produto desta base impedem que o processo educativo possa ampliar as suas nuances ligadas a diversidade, cultural, religiosa e da sexualidade possibilitando a sua compreensão como potencial humano, que contempla sensibilidade, prazer, dor, afetividade e relacionamentos.

Infelizmente em decorrência ao tempo dirigido as disciplinas e outras agendas relacionadas ao planejamento do Centro Estadual de Educação Profissional Luiz Pinto de Carvalho não foi possível o desdobramento da pesquisa em tempo hábil para a cunhagem de resultados mais satisfatórios. No entanto as iniciais posições projetadas pelas atividades realizadas forneceram uma parcial análise que através dela faz emergir as proposições dos autores que dialogamos.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES:



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



Nossas preliminares considerações situaram elucidar a partir dos trabalhos realizados pelos alunos uma ênfase para entender a relação entre sexualidade e educação escolar. Lembramos que está pesquisa encontra-se em andamento contendo, entretanto o seu caráter introdutório que esse estudo pretendeu apresentar. Há nas análises que compreende o estudo a afirmação de que a escola é realizada de forma superficial no que diz respeito ao trato da sexualidade, podendo ser vista esta condição mediante aos questionamentos recheados de dúvidas dos nossos colaboradores da pesquisa.

Será alvo de pesquisa em maior profundidade, a partir de uma base de dados mais ampla e abrangente sobre os comportamentos e interpretações a respeito da sexualidade que estes adolescentes trazem de outras esferas sociais como a família, a igreja e outros espaços que frequentam propondo observar quais os aspectos específicos da orientação sexual nestas estruturas e como são refletidos e dialogados na escola. Além de seus vários agentes, internos e externos, em suas mais amplas e variadas relações com os processos formativos dos jovens, implícitos ou explícitos, educativos, formativos ou moralizantes.

REFERÊNCIAS

BONZON, Michel. **Sexualidade, família e ethos religioso**. Organizadores: Maria Luiza Heilborn...[et al.]. – RJ: Garamond, 2005.



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.) **Pesquisa participante 2**. Reimpressão. SP: Brasiliense, 2001.

COSTA, L. A. Fialho . **Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos**. In: HETKOWSKI, T. e DIAS, A.. (Org.). Educação e contemporaneidade: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009.

FOUCAULT, Michael. **História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. RJ: Edições Graal, 1984.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. DF. Liber Livros, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PP&A, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.

_____. **Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer como políticas de conhecimento**. In: LOPES, Denilson *et al.* (Orgs.). **Imagem e diversidade sexual: Estudos da homocultura**. São Paulo: Nojosa, 2004c.

LUZ, Narcimara. Correia do Patrocínio. (Org.). **Tecendo Contemporaneidade : pontos de diálogos sobre educação e contemporaneidade**. Salvador. Eduneb, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. RJ: Zahar, 1978.

ORNELLAS, M. de L.S. **Afetos manifestos na sala de aula**. SP : Annablume, 2005.